

Por uma vida espontânea e criadora

Psicodrama e política

André Marcelo Dedomenico e Devanir Merengué (orgs.)



POR UMA VIDA ESPONTÂNEA E CRIADORA

Psicodrama e política

Copyright © 2020 by autores

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Assistente editorial: **Michelle Campos**

Capa: **Alberto Mateus**

Coordenação editorial, projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

Editora Ágora

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.summus.com.br>

e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3872-7476

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

Prefácio	9
<i>Maria Cristina Gonçalves Vicentin</i>	
Apresentação	15
<i>André Marcelo Dedomenico e Devanir Merengué</i>	
1. Possibilidades psicodramáticas de resistência ao fascismo contemporâneo	19
<i>Érico Douglas Vieira</i>	
2. Descolonizando o psicodrama: clínica e política	37
<i>Devanir Merengué</i>	
3. E, pela cidade, lampejos fugidios de vaga-lumes	61
<i>Ana Paula C. Scagliarini</i>	
4. Moreno: da utopia ao possível	77
<i>Geraldo Massaro</i>	
5. Psicodrama público no Centro Cultural São Paulo: mas o que é público mesmo?	93
<i>Pedro Mascarenhas</i>	
6. Sobre o silêncio estrondoso e o grito silenciado.	107
<i>Maria da Penha Nery</i>	

7. 1984: o ano que foi para o lixo	125
<i>Débora de Mello e Souza</i>	
8. O corpo poético como atitude política: por um contágio de saúde.	143
<i>Rosane Rodrigues</i>	
9. Psicodrama e gênero: corpos em trânsito	159
<i>Andrea Raquel Martins Corrêa</i>	
10. O psicodrama e a política de institucionalização de verdades	167
<i>Luiz Contro</i>	
11. Do psicodrama aduaneiro às formas fúnebres: em defesa da clandestinidade psicodramática	185
<i>Plínio Barbosa Bronzeri</i>	
12. Desgourmetizar a prática sicionômica	199
<i>André Marcelo Dedomenico</i>	

Prefácio

Maria Cristina Gonçalves Vicentin

Em tempos em que o próprio sentido da política e do político se desmancha e se reconfigura, o livro que aqui se apresenta – com 12 textos de diferentes profissionais do campo do psicodrama, de distintas gerações – não apenas tem a coragem de enfrentar os impasses e tensões das relações entre psicodrama e política no contemporâneo como oferece um conjunto de pistas colhidas no corpo a corpo da experiência clínico-política do psicodrama para pensar-agir nessa interface.

De fato, assistimos, em escala global, a um movimento histórico das elites que aspira, como sugere Mbembe (2016), em última instância, a “abolir o político”. Isto é, almeja destruir espaços e recursos – simbólicos e materiais – nos quais seja possível “pensar e imaginar os destinos dos vínculos que nos unem uns aos outros, assim como nos unem às gerações que virão depois”. Tal abolição, ainda segundo Mbembe, procede por meio de lógicas de isolamento – separação entre países, classes e indivíduos – e de concentração de capital, fora de todo controle democrático, ao lado do uso do poder militar para assegurar seu êxito. Neste mundo do capitalismo imperial ou mundial-integrado (tematizado em diferentes textos desta coletânea em diálogo com Maurizio Lazzarato, Antonio Negri, Félix Guattari e Gilles Deleuze, Michel Foucault, Pierre Dardot e Christian Laval, entre outros), em que vemos uma progressão contínua de exploração e dominação para tudo colonizar, é necessário que outros modos de habitar o espaço ganhem consistência.

No caso do Brasil, tal movimento colonial e neonacionalista se faz atualmente por meio de uma “insuspeitada aliança entre o neoliberalismo financeiro e as forças reativas conservadoras” (Rolnik, 2018) e

visa desfazer um conjunto de conquistas resultantes de intensos processos de emancipação, que ganharam nas últimas décadas importante consistência na forma de garantia de direitos, bem como de afirmação de novos direitos – entre eles os conquistados por mulheres, crianças e adolescentes, negros, indígenas e LGBTQIA+.

Essa “insuspeitada aliança” se ancora em modelos de identificação subjetiva, como parte dos processos de subjetivação capitalísticos (Guattari, 1986) e coloniais e suas táticas de “captura vital” e de extração das forças desejantes e da imaginação. Essa face existencial do neoliberalismo e seu “fascismo democrático” atuam por repetição, serialização, normalização e cerceamento das possibilidades de criação e emergência de derivas singularizantes, fomentando a morte do espaço público e a criação de “inválidos existenciais” (Vários Autores, 2019, p. 109), com seus sintomas de angústia, tédio, solidão, cansaço, insatisfação crônica, cinismo, violência, dissociação. Desse modo, a dimensão micropolítica da política torna-se cada vez mais vital: “É preciso lutar pela reapropriação das potências de criação e cooperação e pela construção do comum que dela depende [...] em cada uma de nossas ações cotidianas” (Rolnik, 2018, p. 89). Daí a pertinência “impertinente” do fazer clínico que esta coletânea sustenta.

O livro que aqui se apresenta não parte de uma posição retórica – a da ineludível relação entre psicodrama e política, ou a da indissociável relação entre clínica e política –, mas apresenta um mosaico de leituras contemporâneas da clínica psicodramática numa disposição plural e transversalista, cuja direção ético-política recoloca a utopia ativa do psicodrama, a da criação de heterotopias como espaços-tempo que fomentam “uma vida espontânea e criadora”, em devir e em experimentação para estes tempos.

Ao sustentar a ideia da socionomia como *prática clínica e política que produz modos de existência espontâneos e criadores*¹, bem como de *produção social como partilha*, o livro apresenta experiências e

¹ Em itálico, fragmentos dos textos aqui reunidos, sem identificação do autor, eventualmente misturados, valorizando a perspectiva coletiva e impessoal que emerge da leitura.

experimentações em diferentes contextos e com diferentes perspectivas do que seria o fazer político.

Das experimentações aqui narradas, podemos extrair uma transversal ético-estético-política que posiciona o psicodrama como um *dispositivo de crítica social* e de *insubordinação, em aliança com a espontaneidade criadora, inventora de mundos diante da realidade que se impõe como determinante e impositiva, capaz de fissurar ultraconservadorismos à direita e à esquerda. Ao sustentar a existência de forças simultâneas, contraditórias e muitas vezes conflitivas no homem e em sua existência, num imbricamento tenso entre os diferentes desejos e necessidades, o psicodrama e a política ganham zonas de intersecção. Sua ética é a da aliança com as forças ativas, provocadoras de vida, do criativo, e não de subordinação às forças reativas que conduzem à rigidez, ao ressentimento e à institucionalização de verdades inequívocas.*

Podemos extrair também, do conjunto dos textos, três pistas para habitar o mundo nos reapropriando das potências de criação e cooperação.

Produzir o comum – Em contraposição à privatização generalizada que resulta dos processos de globalização neoliberal, analisada por vários autores da coletânea, aponta-se para a produção do espaço público e do comum como uma direção da política do psicodrama.

Distinto de bem comum, o comum se refere *a um tipo de relação social, uma forma de gestão social de diferentes elementos e processos necessários para a vida de uma comunidade humana*, privilegiando a autogestão, a cooperação e a reciprocidade.

A política de um ponto de vista transformador é algo que busca o coletivo, que não se encerra no indivíduo, mas o transborda. [...] que visa ao comum, ao público, que dá visibilidade e escuta ao indivíduo não separado de um coletivo que o acolhe e com o qual compartilha seus ganhos e suas dores. A questão política diz respeito à abertura para o social.

Seguir o saber do corpo – Certamente o corpo tem centralidade na prática do psicodrama, sendo interpelado em seus atravessamentos

psíquicos, sociais, políticos, históricos e libidinais como corpo-agônico que vive em ato, afetando os encontros e sendo por eles afetado. *Um corpo-agon quer escapar, fugir, arriscar se reinventar. Um corpo-agon é desejo de rebeldia, é rota de escape. [...] Corpo que se debate entre o já dado, o já naturalizado como verdade última da prática sacionômica, que se rebela em meio a tais forças de sobrevivência, que nasce em ato na ação dramática, que tenta viver, e não apenas sobreviver, em meio às reservas de sua prática.*

A luta para o tempo presente é uma agonística, e não um antagonismo – *Em consequência das lutas agônicas, supomos um descentramento, um desindividualizar-se para melhor existir.*

A política tem um caráter agônico na medida em que indivíduos e grupos buscam ter alguma visibilidade, algum sentido de existência, direitos e possibilidades em espaços comuns.

Os jogos agonísticos no mundo grego expressavam a contradição entre os jogadores em sua potência afirmativa, sem que se desejasse solucioná-la. Os dois princípios do *agon* eram a inexistência de trégua, uma vez que não havia uma proposta de solução, conciliação nem acordo de paz; e a inexistência de termo, já que não se pretendia hegemonia ou destruição. O caráter agonístico assinala uma luta em que uma tensão é sustentada sem que haja uma resolução. Se a agonística grega é uma das bases do pensamento psicodramático, ao lado da espontaneidade criadora que dá título ao livro, interessa-nos aqui ratificar, como modo politicamente potente para o nosso tempo, a afirmação da luta como agonística. Lima Silva (2019) convida-nos a articular o *pólemos* heraclitiano com o *agon* grego. Para Heráclito de Éfeso (c. 540-470 a.C.), há uma luta incessante que atravessa todas as coisas, inclusive a nossa existência, sem soluções finais nem hegemonias que se sustentem. O que se sustenta, em *pólemos*, é a luta, a dissonância, ou harmonia dissonante. “Podemos pensar em uma política para lidar com os antagonismos que não deseja submeter ou resolver, que tenta sustentar o tensionamento” (Lima Silva, 2019, p. 119). Não é essa uma certa política do psicodrama, visível na *descontinuidade*?

Interceptar os fluxos, parar a cena, duvidar do gesto, congelar a fala, não facilitar a fluência do conservado, impositivo, opressivo. Política como descontinuidade.

Mas, se tais pistas certamente nos ajudam a nos guiar e a *furar muros de condomínios privados*, é necessário que *se desdobrem numa Política, com P maiúsculo, caso contrário ficamos num barco com um potente motor, porém sem direção, consistência nem consequências. Que política pode prolongar na história o esplendor de momentos e fluxos criativos?*

Que seja uma “amiga” do psicodrama, mais do que uma sua filiada², convidada a escrever este prefácio só indica a permanente abertura dos amigos psicodramatistas à alteridade... Eles sabem que fazer política é propriamente da qualidade das amizades. E que a amizade é o melhor antídoto para a despolitização e o esvaziamento do espaço público. Boa leitura!

REFERÊNCIAS

- GUATTARI, F. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- LIMA SILVA, F. F., “Resistindo na boca da noite um gosto de sol”. O feminismo antiproibicionista como resistência à narrativa da ‘guerra às drogas’”. Tese (doutorado em Psicologia), Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), 2019.
- MBEMBE, A. “Cuando el poder brutaliza el cuerpo, la resistencia asume una forma visceral”. Entrevista. *eldiario.es*, 17 jun. 2016. Disponível em: <https://www.eldiario.es/interferencias/Achille-Mbembe-brutaliza-resistencia-visceral_6_527807255.html>. Acesso em: 7 jan. 2020.
- ROLNIK, S. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1, 2018.
- VÁRIOS AUTORES. *Chamada: imaginação radical do presente – Anônimos*. São Paulo: Glac, 2019.

² Esclareço: grupalista que sou, filio-me à perspectiva transdisciplinar que anima o pensamento grupal e fiz sempre que possível experiências e aproximações com o psicodrama sem ter me dedicado a seu estudo mais vertical, que poderia configurar uma “formação em psicodrama”.

Apresentação

André Marcelo Dedomenico e Devanir Merengué

Num texto do escritor David Foster Wallace, dois peixes jovens passam por um peixe mais velho e supostamente sábio que os cumprimenta dizendo: “Bom dia, jovens! A água está muito boa hoje, não?” Os jovens não lhe respondem e, olhando um para o outro, dizem: “Água?”

A metáfora, nem um pouco favorável aos jovens, ilustra o modo como cada um faz experiência dos acontecimentos que circundam sua vida e nos quais está engendrado. Para alguns peixes, tanto faz se a água existe. Para outros, no entanto, a vivência de estar na água parece ser muito importante e até mesmo fundamental para a própria vida. Não se trata de faixas etárias diversas, como pode sugerir o conto, de um suposto conflito entre gerações, mas de notar, numa curta e simples cena, múltiplos sentidos de entendimento a respeito do meio em que se está mergulhado. Sentidos que se sobrepõem em camadas, podendo ir de um entendimento binário e talvez reducionista da experiência a outros bem mais complexos e multifacetados.

Algo semelhante se passa com a prática psicodramática no Brasil. Em suas distintas entradas no e pelo país, fica submetida a um sem-fim de usos e abusos. Ora é utilizada com objetivos mais abertamente questionadores do *establishment*, ora vai ao encontro de uma adequação à ordem social, política e ideológica estabelecida. Um estudo genealógico poderia marcar essas diferenças em momentos históricos diversos de nosso combalido país, mas esse não é o propósito do presente livro. Entre esses dois polos – um abertamente revolucionário, crítico ao estado de coisas no campo social, problematizador da própria prática psicodramática, e outro mais conservador, mantenedor do *status quo* –, há um enorme espectro com diferentes matizes de saturação política no

modo como se faz e se vivencia a ação dramática. É desse amplo espectro político, filosófico e ideológico que nascem os 12 ensaios aqui apresentados, escritos por psicodramatistas provenientes de diferentes regiões do país e de distintas gerações. O que há em comum entre todos os autores, para além ou aquém da própria prática, é o entendimento de que a dimensão política do psicodrama não pode ser deixada de lado, seja quando se fazem trabalhos sobre questões políticas presentes no contexto social e que invadem os contextos grupal e dramático, seja quando se analisam as opiniões dos psicodramatistas a respeito de suas preferências políticas, seja quando se tenta entender a própria política presente nas ações dramáticas, seja, ainda, quando se considera que o psicodrama deveria ser apolítico – o que, aliás, pode ser entendido como um posicionamento político. Negar a presença da política no método psicodramático e naquilo que se faz é também um posicionamento político. Disso temos certeza.

Os autores aqui reunidos entendem que a política propriamente dita, tal como a água para os peixes mais sábios da metáfora, perpassa tudo que fazemos e pensamos. Discuti-la com base em nossas práticas e conceituações teóricas é, portanto, um exercício fundamental a fim de evitar a armadilha invisível, para não dizer inconsciente, de reproduzir em nossas ações rotineiras do fazer dramático as mesmas coisas que combatemos no cotidiano.

Estes 12 ensaios, atravessados tanto por questões comuns quanto por posicionamentos próprios a cada autor, têm ressonâncias filosóficas e ideológicas uns com os outros, refletindo um sem-fim de variáveis e de condições.

Érico Douglas Vieira tece uma ampla e consistente perspectiva do atual momento político brasileiro e mundial com a ascensão de valores reacionários no contexto social e das práticas políticas, apostando que o psicodrama ainda tem muito a nos oferecer como estratégia de luta antifascista.

Com uma lupa foucaultiana, Devanir Merengué dá visibilidade aos inúmeros elementos heterogêneos e políticos presentes na clínica psicoterápica e tangencia o trágico das lutas agônicas de tais processos.

Psicodramatista e acompanhante terapêutica, Ana Paula C. Scagliarini nos convida a uma deriva clínica pela cidade – a concreta e a subjetiva –, num percurso que passa por sonhos, momentos políticos nacionais e mundiais, casos clínicos e metamorfoses subjetivas.

Geraldo Massaro traz uma visão de Jacob Levy Moreno, o criador do psicodrama, como um homem aprisionado nas teias de valores conservadores do contexto social em que viveu, notadamente em sua fase norte-americana, reproduzindo valores dessa sociedade em suas produções teóricas e práticas. O autor ainda mostra outra perspectiva, com base em sua experiência como presidente da Federação Brasileira de Psicodrama (Febrap), com suas lutas políticas e jogos de poder.

Com base nos atos sicionômicos do Centro Cultural São Paulo, Pedro Mascarenhas discute as noções de público e privado, retomando algo de suma importância ao fazer sicionômico: o espaço público em seus vários sentidos como lócus primordial da política e da clínica psicodramática, lócus de encontro com a alteridade – seu *ethos* psicodramático.

Maria da Penha Nery apresenta os resultados de uma enquête realizada entre colegas psicodramatistas a respeito de seus entendimentos políticos na forma de categorias discursivas do fazer político de sua área de atuação. Tais categorias vão do silenciamento estrondoso da política no entendimento da própria prática ao grito silenciado de desejos mais revolucionários e transformadores dessa prática, do movimento psicodramático brasileiro e do contexto social em termos macro e micropolíticos.

Débora de Mello e Souza produz uma teia complexa de sentidos com base em uma vivência sicionômica no Centro Cultural São Paulo: o ano de 1984 torna-se um signo que lhe permite sobrepor camadas de sentidos em seu fazer profissional e de entendimentos de mundo e de política.

Ao mergulhar em sua experiência profissional, Rosane Rodrigues aposta num contágio de saúde entre os corpos nos trabalhos sicionômicos, grupais ou individuais, na produção de um corpo poético, em corpos aquecidos e tomados/liberados em sua força espontânea e criadora. Trata-se de corpos que agem, e não apenas reagem, para se preservar, num corpo que quer se expandir em potência e encontrar suas formas de expressão singulares.

Andrea Raquel Martins Corrêa põe em cena os corpos fluidos de nossa contemporaneidade, notadamente com base nas discussões de sexo e gênero. São esses corpos sexuais – fluidos em suas identidades de gênero, nos quais anatomia e sexualidade não têm uma coincidência necessária – que interessam à autora. Ela nos provoca a pensar todo o arsenal psicodramático caso queiramos lidar com essa fluidez, com tais corpos rebeldes e subversivos aos poderes heteronormativos vigentes do campo social, sem reproduzir em nossas ações profissionais os valores que embasam esses poderes.

Aproximando-se de Friedrich Nietzsche e Fernando Pessoa, Luiz Contro traz à prática psicodramática as noções de heteronomia desse e de perspectivismo daquele. Contro questiona a ideia de verdade, entendida aqui como qualquer dogmatismo científico, religioso ou político que possa favorecer o surgimento do espírito de rebanho entre aqueles mais reativos em sua existência e refratários a nossa condição trágica e sem sentido no mundo.

Em seu ensaio, Plínio Barbosa Bronzeri defende a ideia de uma clandestinidade psicodramática como contraponto às práticas que ele denomina alfandegárias. O autor retoma algumas concepções deleuzianas sobre a semiótica da aprendizagem e faz um paralelo com a ideia de espontaneidade proposta por Moreno.

André Marcelo Dedomenico reinventa os conceitos de sua prática à luz de autores contemporâneos, conduzindo o psicodrama a outras problematizações, nas quais a clínica, a política e a economia se encontram e reverberam entre si.

São propostas de caminhos, de hibridizações do arsenal teórico e metodológico moreniano, que podem ou não ser levadas adiante por você, caro leitor. Desejamos que você possa se afetar por este livro e que tais ensaios o ajudem a pensar e problematizar sua própria prática, sem perder de vista a dimensão política contida nela.

Boa leitura.

1. Possibilidades psicodramáticas de resistência ao fascismo contemporâneo

Érico Douglas Vieira

INTRODUÇÃO

O psicodrama pode ser um sistema que contribui para reativar a potência das subjetividades esvaziadas das forças vitais pelo triunfo das forças repressivas da sociedade? A revolução criadora de Moreno mirava a utopia da restituição dos fatores vitais, a dissolução dos aspectos cristalizados da subjetividade, enfim, a ruptura com um sistema que trata pessoas como objetos de uma engrenagem social, que produz indivíduos homogêneos e empobrecidos. Partindo das ideias de Wilhelm Reich em *Psicologia de massas do fascismo*, pode-se compreender o fascismo como direcionamento da energia da vida frustrada das massas contra determinados grupos em tempos de crise. Reich, como Moreno, percebia a vida em sociedade como um combate entre as forças de repressão e as forças vitais autorreguladoras.

Este capítulo visa situar o psicodrama como um sistema antifascista, realçando suas ideias progressistas e emancipatórias como contraponto às ideias reacionárias e de caráter repressivo contidas na estrutura psicológica e social do fascismo. A escrita do artigo, ocorrida no início de 2019, foi motivada pela recente eleição de um governo de extrema direita no Brasil, assim como pelo advento de governos ocupando a mesma posição no espectro político em outros países. Löwy (2015) argumenta que é a primeira vez, desde a década de 1930, que a extrema direita consegue vencer eleições e alcançar influência significativa na política europeia. Na França, no Reino Unido e na Dinamarca, partidos de extrema direita alcançaram entre 25% e 30% dos votos em 2014. Stanley (2019) aponta que, nos últimos anos, em países como Rússia, Hungria, Polônia, Índia, Turquia e

Estados Unidos, políticos que se utilizaram de táticas fascistas ganharam o poder.

As ideias fascistas se espalham cada vez mais na sociedade, e não apenas em número de eleitores. Propostas de inspiração fascista e reacionária seduzem as massas humanas como supostas vias de solução para crises econômicas, políticas e sociais. Diante disso, busca-se aqui refletir sobre esses processos subjetivos e sociais de penetração de ideias autoritárias e reacionárias, uma espécie de intoxicação das massas com ilusões de soluções simples, e contrapor a essas forças conservadoras as propostas emancipatórias do psicodrama. O estudo pretende, ainda, problematizar alguns limites do psicodrama para que este se apresente como instrumento efetivamente libertário.

Apesar de assistirmos a um retorno de ideias reacionárias, os governos de inspiração fascista de hoje não são idênticos aos governos totalitários alemão e italiano da década de 1930. Uma diferença é que os movimentos atuais aderem mais a uma globalização neoliberal, em contraste com o nacionalismo econômico dos fascismos antigos (Löwy, *op. cit.*). Percebe-se também, em vários países, a utilização de táticas fascistas como mecanismo para alcançar o poder. Essas táticas não conduzem necessariamente, porém, a um governo de caráter fascista como o de Benito Mussolini na Itália, embora de qualquer maneira apresentem perigos. Certos aspectos destrutivos das táticas fascistas têm sido utilizados em discursos, tais como a desumanização de alguns grupos sociais, a divisão da sociedade em termos de “nós” e “eles” e a desqualificação do debate fundamentado em favor de notícias falsas e teorias conspiratórias (Stanley, *op. cit.*).

O itinerário a ser percorrido nas próximas páginas inicia-se com a caracterização do fenômeno do fascismo de acordo com os estudos de Wilhelm Reich, de Umberto Eco e de outros autores, seguindo-se sua contextualização no caso brasileiro com base nas ideias de Jessé Souza. Alguns aspectos da sociedade brasileira são favoráveis ao crescimento de ideias fascistas, por exemplo, a identificação das massas com o opressor, a naturalização da imensa desigualdade social e a percepção das classes populares como subgente por parte das camadas médias e altas da